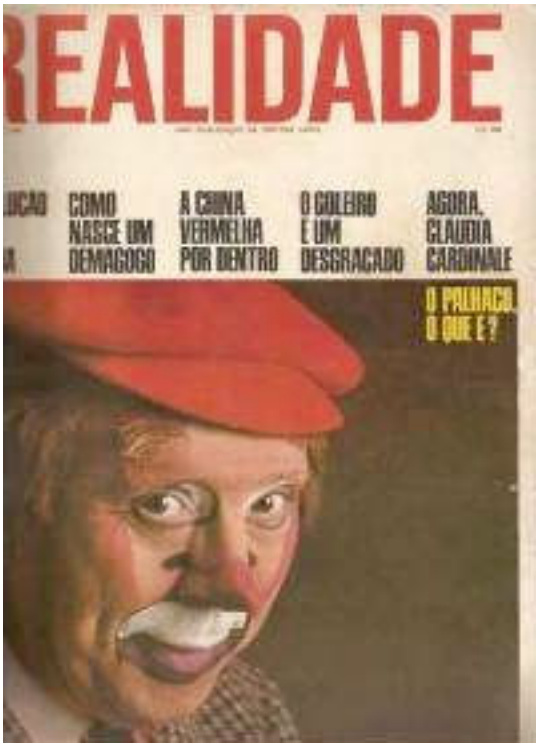
Documento

Eis a China

Duarte Pacheco Pereira*

Nota explicativa:

A reportagem histórica sobre a China, transcrita a seguir, foi pesquisada e escrita por mim para a revista **Realidade**, da Editora Abril, que a publicou com mapas e fotos em sua **edição de outubro de 1966**. Quando se comemora o 60º aniversário da revolução chinesa, uma das revoluções populares mais importantes do século XX, pode ser útil relê-la por três motivos.



O primeiro é que a reportagem da **Realidade** foi possivelmente a primeira matéria informativa e simpática sobre a República Popular da China publicada por uma revista brasileira de grande circulação. Na época, o que a mídia brasileira difundia sobre a China não passava de propaganda anticomunista e depreciativa.

O segundo motivo é que o texto reflete o progresso, mas também as limitações do conhecimento brasileiro e internacional sobre a China, especialmente sobre a China revolucionária, acessível na época. A bibliografia disponível sobre a China era escassa, a pressão da ditadura militar sobre a imprensa e sobre as editoras era intensa e o Brasil, como a maioria dos países, não mantinha relações diplomáticas com a República Popular da China. A aproximação com o grande país asiático, iniciada pelo governo Jânio Quadros e aprofundada pelo governo João Goulart, havia sido interrompida pelo governo ditatorial do marechal Castelo Branco. Essa aproximação estava sendo retomada, ilegalmente e com dificuldades, por organizações políticas de oposição ao regime militar e ao sistema capitalista-imperialista, como o Partido Comunista do Brasil e a Ação Popular.

Além dessas restrições típicas da situação brasileira, é preciso levar em conta que muitas informações sobre episódios controvertidos da revolução chinesa e sobre a trajetória pessoal de seus líderes ainda não haviam sido divulgadas sequer na própria China. Assim, era possível, utilizando as fontes disponíveis e colocando-se do ângulo dos trabalhadores e do socialismo, apreender o quadro geral do desenvolvimento histórico da China e de sua revolução popular, como o fez a reportagem, mas era inevitável que alguns aspectos desse milenar itinerário não pudessem ser esclarecidos adequadamente, o que se reflete em algumas passagens imprecisas ou equivocadas do texto.

Atualmente, a situação é inversa: há uma verdadeira torrente de reportagens, ensaios, biografias e narrativas sobre a China. Muitas dessas fontes, porém, oficiais ou críticas, têm apresentado uma reconstituição discutível de fases anteriores da revolução chinesa, especialmente depois da

proclamação da República Popular. Procura-se, por exemplo, contrapor exageradamente a fase de Mao Zedong e Zhu Enlai, que teria redundado num completo fracasso administrativo e econômico, o que não é verdade, à de Deng Xiaoping e sucessores, que estaria representando um completo sucesso, o que é discutível.

Não se pode esquecer também que a abertura externa e as reformas internas, hoje tão louvadas, não eram viáveis enquanto persistiam o bloqueio diplomático e econômico à República Popular da China, a escalada militar dos Estados Unidos na Ásia e as sanções e ataques da União Soviética. Vencidos, com esforço inaudito, esses desafios, a política de abertura e reforma, para promover a modernização da agricultura, da indústria, da ciência e tecnologia e da defesa, foi iniciada ainda sob a direção de Mao e Zhu Enlai. Onde poderia manifestar-se uma divergência aguda é que, talvez, sob a direção de Mao, a restauração das formas de propriedade, arrendamento e organização capitalistas não teria sido levada tão longe quanto nos anos recentes, o que tem alargado as desigualdades sociais e regionais e os danos ambientais. Outro traço controverso da orientação recente, a tendência a dar ao socialismo chinês uma base mais nacional do que de classe, já poderia ser notado na fase de Mao, como assinala o texto que redigi**.** Essa tendência, no entanto, foi aprofundada nas últimas décadas, quando as referências à luta de classes, à hegemonia proletária ou à aliança operário-camponesa praticamente desapareceram, substituídas pela pregação da união nacional das quatro classes, o proletariado, o campesinato, a pequena-burguesia e a burguesia, sem as diferenciações de camadas e frações burguesas aliadas e adversárias que eram feitas na época de Mao.

Esse é o terceiro motivo que justifica o interesse em reler a reportagem histórica que pesquisei e escrevi para a revista **Realidade** em 1966. Apesar das falhas em alguns pormenores, ela representou uma apresentação pioneira, abrangente e essencialmente correta das conquistas revolucionárias do povo chinês ao grande público leitor do Brasil. E pode ser útil, ainda hoje, para elucidar as raízes das interpretações divergentes sobre a longa e acidentada experiência revolucionária desse povo irmão, a mais relevante no século XX depois da experiência soviética.

Uma observação final: os leitores atuais não devem esquecer que o texto foi escrito para uma revista da Editora Abril e no período militar, o que impunha concessões na linguagem e na abordagem de alguns temas mais delicados. (Duarte Pacheco Pereira, 30 de julho de 2009)

EIS A CHINA

Nove milhões e 600 mil quilômetros quadrados. O terceiro país do mundo em extensão territorial: quase dez vezes a França. Setecentos e setenta milhões de habitantes: quase dez vezes a população brasileira. E mais 15 milhões de habitantes cada ano. Só depois de outubro de 1949, quando os comunistas tomaram o poder, já nasceram 170 milhões de crianças: quase toda a população atual dos Estados Unidos e três quartos da população da União Soviética. Há 20 séculos, o império mais poderoso da Terra, antes de Roma. Há 20 anos, o mais miserável dos países subdesenvolvidos, depois da Índia. Hoje, o segundo país do mundo

socialista e o primeiro a tentar o Homem Comunista anunciado por Marx. Arma a África, instiga a Ásia, infiltra-se na América Latina, enfrenta a URSS, ameaça os EUA e, agora com sua bomba atômica, desafia o mundo. Muitos a temem, poucos a conhecem: grande, velha, misteriosa e sofredora nação.

Uma longa marcha

Milhares e milhares de soldados espalhados pelas margens do rio. De pé, sentados, encostados em seus fuzis e metralhadoras. Cansados, quase todos muito jovens, alguns ligeiramente feridos, todos mal vestidos, mas todos cheios de uma estranha e terrível determinação. Os soldados do Exército Vermelho. Ao lado, as águas pardas do Yang Tsé-kiang. Para além do rio, a planície imensa, amarela, sem árvores, nua. Ao fundo, a montanha com sua cicatriz de três mil quilômetros: a Grande Muralha.

Um homem levanta os braços, vai falar. Faz-se grande silêncio. Ele fala pouco, mas termina conclamando com fanática firmeza:

- Vamos atravessar o Yang Tsé-kiang, varrer rapidamente os reacionários e rapidamente construir uma nova China.

Uma aclamação ensurdecedora cai sobre suas últimas palavras. E aqueles milhares de homens lançam-se ao rio, aos gritos ou cantando, em barcos ou a nado, com as armas às costas. Era o mês de abril de 1949 e pode-se dizer que ali, naquele instante, a China começava sua longa marcha para o comunismo.

O homem que falara era o organizador, o estrategista, o líder daquele exército de camponeses e operários. Seu nome, Mao Tsetung. Ele já fora bibliotecário, jornalista e ministro do governo de Sun Yatsen. Filho de camponeses pobres, Mao Tsetung nasceu em 1893, na China central. Ainda jovem, abandonou a família para dedicar-se a um estudo desordenado: política, economia e filosofia, história, poesia e estratégia militar. Sua vida de estudante pobre foi dura, mas ele encontrou tempo para ler os velhos pensadores chineses, tomar contacto também com escritores do Ocidente: Adam Smith, Darwin, Spencer, Stuart Mill, Montesquieu, Rousseau. Como a preparar-se para uma carreira árdua, praticava intensamente os esportes, fazia ginástica diariamente, dormia ao relento e executava longas caminhadas. Nessa época, conheceu Sun Yatsen, o intelectual que começava a liderar a luta contra a monarquia e pela independência da China. Mao tornou-se um nacionalista ativo, criando grupos de estudo e organizando manifestações estudantis. Em 1918, ficou amigo do professor Tchen Tuhsieu, um misto de nacionalista e marxista, que o convenceu a estudar as obras de Marx e Engels. Em 1921, o jovem Mao participava com o velho Tchen e mais dez homens da fundação do Partido Comunista Chinês.

Depois de haver ocupado a Manchúria e o norte da China, o Exército Vermelho acabava de tomar Pequim. Atravessando o Yang Tsekiang, em abril de 1949, ele se espalharia por todo o vale do rio, entraria em Nanquim e depois em Xangai. As tropas Nacionalistas foram obrigadas a abandonar a China continental, e Chiang Kaichek retirou-se para Formosa. Então, Mao Tsetung voltou a Pequim e ali, no coração da Cidade Imperial, até então proibida para o povo, proclamou a criação da República Popular da China. Foi em 1º de outubro de 1949 e o mundo recebeu a notícia com surpresa. O próprio Stálin não

acreditava, até a última hora, na vitória comunista.

Mas aquela guerra vinha de longe. Durante anos e anos, a China milenar dos imperadores, dos mandarins e dos camponeses fora explorada, dividida, humilhada. Em Xangai, na entrada do Jóquei Clube inglês – onde hoje existe um parque de diversões para crianças – havia um aviso: Proibida a entrada de cachorros e chineses.

Nas origens, o povo chinês habitava principalmente o vale do rio Amarelo. Seus primeiros reis, lendários, foram não só senhores, mas também mestres do povo. Um ensinou a agricultura e as propriedades das ervas medicinas. Outro inventou a escrita e construiu os diques para irrigação. Um terceiro, Huang Ti, foi o inventor da bússola e do carro de combate e o herói que unificou o país depois de triunfar sobre as tribos selvagens que o cercavam.

Depois de Huang Ti, reinaram os três reis filósofos. Homens do povo, mas de grande sabedoria, cada um escolheu seu sucessor conforme a capacidade pessoal. Quis o destino que o filho do terceiro rei fosse um homem de mérito, e a ele o pai entregou o poder. Nascia, assim, a primeira dinastia hereditária.

As famílias reais se sucederam e as capitais da China também. Sob uma dessas dinastias – Tchu –, os intelectuais se tornaram uma classe privilegiada e, graças a eles, a China conheceu um período importante para a história do pensamento. Os dois pensadores mais ilustres desse tempo, Lao Tseu e Confúcio, fundaram religiões. Posteriormente o budismo seria introduzido na China e, bem mais tarde, o cristianismo.

A história dessa época feudal é toda feita de lutas entre as províncias e das províncias contra os reis. Quando Che Huangti, um dos senhores feudais e o Primeiro Imperador, pôs fim à anarquia e, de seu domínio em Ts'in (daí o nome China), conquistou o país, Roma não passava de uma pequena cidade. A China, porém, já conhecera três mil anos de história e todas as vicissitudes: a escravidão, a tirania dos barões, as invasões, a fome e as revoltas dos camponeses.

Che Huangti expulsou os nômades mongóis para o deserto de Gobi e concluiu a Grande Muralha. Mas após sua morte, seu filho foi derrubado do poder por uma revolta popular. O povo chinês, no entanto, se libertara de uma dinastia para cair sob o domínio de outra. A revolta foi monopolizada por seu chefe, que se proclamou imperador. A sucessão de dinastias ia continuar.

Até que no século 14, o povo chinês se vê, novamente, sob uma dinastia estrangeira: os T'sing, de origem manchu. O império prospera e se expande. A Indochina, a Birmânia, o Nepal, o Tibete e a Coréia reconhecem sua suserania. Chega, porém, o tempo das derrotas e das humilhações. A era da expansão européia.

A China aprende a fumar ópio

Já em 1514, navegantes portugueses aparecem em Cantão, pouco depois em Macau, e iniciam os chineses no prazer do fumo. Em seguida os ensinam a fumar ópio, até então usado apenas como remédio. Mais tarde, pelo mesmo caminho que fora da seda e agora é do ópio, chegam os espanhóis, holandeses, franceses. Por fim, os ingleses, com seus navios de comércio e seus canhões também.

A China não tem como reagir. Em 1835, os chineses se cansam do vergonhoso tráfico de ópio, favorecido

pelos ingleses que o importam da Índia, e o imperador ordena que sejam queimados em Cantão 20 mil sacos do entorpecente. Estoura a Guerra do Ópio. Para a China, uma guerra desastrosa. Derrotada, ela é obrigada a ceder aos britânicos a província de Hong Kong e vários portos, entre os quais os de Xangai e Cantão. A França e já agora os Estados Unidos exigem a legalização do tráfico de ópio e a liberação do comércio exterior. Multiplicam-se as chamadas concessões e cada potência desenvolve uma área própria de influência dentro da China. Os interesses estrangeiros prosperam, enquanto o povo chinês está cada vez mais pobre. Acumula ressentimento.

Agravando a situação, o Japão se torna uma nação forte e militarista. Em 1894-1895 ocupa a Coréia e a Manchúria e prepara-se para invadir a China. Ao mesmo tempo, o governo, para distrair a atenção pública das dificuldades internas, fomenta a revolta dos Boxers contra os estrangeiros em 1900-1901: a consequência é uma expedição internacional, que esmaga a insurreição, ocupa Pequim e reforça o sistema de concessões nas principais cidades. Isso aumenta a revolta dos operários, da incipiente burguesia chinês e sobretudo dos intelectuais e estudantes.

Um médico, Sun Yatsen, começa a organizar a luta pela independência e contra a miséria. Funda um partido, o Kuomintang (que significa Nacionalista). Os jovens aderem com fervor. Entre eles está o estudante Mao Tsetung. Em seguida a uma série de manifestações violentas e vários atentados, centenas de jovens revolucionários são executados pelo governo manchu. O fogo da revolta se alastra. Nanquim se insurge e a guarnição militar de Pequim se alia a Sun Yatsen. O imperador renuncia. A república é proclamada e Sun Yatsen eleito presidente. Mas não consegue controlar todo o país. As províncias do Norte caem em mãos de um grupo de militares. Sun Yatsen é obrigado a renunciar. Mas adverte: “A revolução não terminou, meus companheiros devem continuá-la.”

Após a renúncia, os generais disputam o poder. Cada um possui uma parte do Exército e uma parte do país, e cada um se liga a um governo estrangeiro, que lhe fornece conselheiros e munições. São os senhores da guerra. Em seu domínio, cada general é rei. Chegam a cobrar impostos por antecipação. Houve regiões onde os camponeses pagaram impostos até o ano 2.000. O descontentamento se aprofunda.

Em 1921, surge em Xangai o Partido Comunista Chinês. Entre seus fundadores, Mao Tsetung, agora um experiente agitador. Em 1924, Sun Yatsen estabelece em Cantão um governo revolucionário de unidade nacional, com base em três princípios: aliança com a União Soviética; cooperação entre o Kuomintang e o Partido Comunista; e união com os operários e camponeses. Chiang Kaichek é colocado à frente do Exército e Mao Tsetung nomeado ministro dos camponeses. Mas no mesmo ano Sun Yatsen morre e Chiang se torna o líder do Kuomintang.

A tensão entre comunistas e nacionalistas aumenta. Naquele momento, porém, Stálin havia estabelecido uma nova linha para sua política externa: “socialismo num só país”. Isto queria dizer: “nada de socialismo na China, por enquanto”. Chiang havia sido treinado em Moscou e foi eleito membro honorário da Internacional Comunista. Os russos

pressionam os chineses para que se submetam ao Kuomintang. Mao se rebela:

- *Uma revolução não pode ter êxito quando se alia com seus verdadeiros inimigos contra seus verdadeiros amigos.*

A resposta de Stálin é dura:

- *É preciso expulsar esse Mao do Partido.*

Mas, aproveitando a condição de ministro do governo e membro do Executivo do Kuomintang, Mao intensifica o trabalho de organização de bases camponesas e se fortalece cada vez mais dentro do Partido Comunista. Ele é que terminará expulsando os defensores da linha de Stálin.

Chiang está cada vez mais preocupado com a força crescente do Partido Comunista. E de repente, numa noite de fevereiro de 1927, o Kuomintang renuncia aos três princípios de Sun Yatsen e rompe com os comunistas. Chiang desencadeia uma repressão violenta. O Exército Nacionalista passa a eliminar todos os comunistas que lhe caem nas mãos. Calcula-se que, durante os dez anos de conflito entre o Kuomintang e o Partido Comunista, de 200 mil a 300 mil presos políticos foram executados. Mao é preso – sua única prisão em 25 anos de luta –, mas consegue fugir poucas horas depois. Sua mulher, no entanto, é morta.

Numa grande ofensiva contra os generais do norte, Chiang sai vitorioso e conquista Pequim. Transfere a capital para Nanquim: a China está reunificada por um homem forte. O prestígio de Chiang Kaichek é grande. Seu governo é reconhecido por todos os países do mundo.

Dez mil quilômetros a pé

Lá nas montanhas do sul da China, porém, Mao tenta organizar a resistência. Tem a seu lado dois homens: Chu Enlai e Lin Piao. Mao está convencido de que a tarefa básica é organizar os camponeses. Contudo, tem pela frente o considerável problema de transformar o camponês num guerrilheiro revolucionário. Mesmo assim, consegue formar em Hunan a primeira divisão de um exército de camponeses, mineiros e estudantes. Na verdade, um exército miserável, sem armas, sem uniformes, sem alimentos. Mas a essa altura, na província de Kiangsi, o 20º Exército chinês se levanta contra o governo de Chiang Kaichek e, liderado por Chu Teh, se reúne às tropas de Mao. Da fusão nasce o Exército Vermelho, cujo comando é entregue a Chu Teh. Pouco depois, em 1930, Mao funda em Kiangsi a Primeira República Popular da China, da qual se torna presidente. Enquanto isso, Liu Shaochi percorre o país, reorganizando clandestinamente o Partido Comunista e liderando o que ele chama uma "luta interna contra os esquerdistas e direitistas". Com isso consegue afastar dos postos de direção os que não apóiam a linha de Mao.

Nanquim põe a prêmio a cabeça de Mao e lança contra ele sucessivas expedições militares. De cada vez, as tropas do Exército Vermelho, em lento recuo, fustigam e cansam as tropas do Exército Nacionalista; depois replicam, tomam a ofensiva e ampliam o território controlado pelos comunistas.

Um Estado dentro do Estado é uma ameaça séria, e Chiang resolve pôr todas as cartas na mesa. Em 1934, um milhão de soldados cercam a pequena república comunista. Conselheiros japoneses, alemães e americanos assistem os nacionalistas, que

lentamente asfixiam os homens de Mao. Este sente-se perdido. Mas encontra uma saída: unir-se, no norte da China, a outro centro de resistência comunista, no Xensi, perto da fronteira soviética.

- *Mas Xensi está a 10 mil quilômetros daqui. Como chegar até lá? – pergunta espantado Chu Enlai.*

Mao diz simplesmente: - Marcharemos.

E eles marcharam. A mais incrível e legendária marcha da história: a Longa Marcha. Um exército de 100 mil homens, enquadrando uma multidão de mulheres, velhos e crianças, rompe o bloqueio, contorna a China central através do Tibete, e avança até os desertos da Mongólia. Marchando sempre, não parando a não ser poucas horas para descanso. A segunda mulher de Mao morre de cansaço. E ele não cessa de gritar:

- *Os arsenais estão na frente!*

Por onde passa, o Exército Vermelho organiza uma rede clandestina de resistência. Os nacionalistas o perseguem. Mas ele marcha sempre.

Vai levar um ano até chegar ao seu objetivo e no final as perdas são enormes. Dos 100 mil soldados que iniciaram a marcha, só há 20 mil sobreviventes. Porém Mao tinha ganho a partida. Milhares de voluntários apareceram ao longo do caminho. Ele instala uma nova capital em Yenan, funda a Segunda República Popular da China e se entrega a um trabalho incansável de reorganização política e militar de suas forças. Escreve, faz conferências, planeja.

Sem querer, os japoneses vão ajudá-lo.

Mao faz seu exército crescer

Aproveitando-se da guerra entre nacionalistas e comunistas, o Japão tinha ocupado em 1931 as ricas províncias da Manchúria. Em 1937, invade Pequim, Xangai e finalmente Nanquim.

A China é sacudida. A opinião pública se divide. Os derrotistas são partidários da rendição, pois não veem como a China poderia resistir ao poderio japonês. Mao tem, então, sua grande oportunidade. Elabora a tese da guerra de longa duração: a China poderia vencer o Japão, mas só através de uma guerra demorada, paciente e que custaria muitos sacrifícios.

Outro problema era saber se comunistas e nacionalistas deveriam voltar a unir-se para combater o invasor. Stálin pressionava para que o Partido Comunista se aliasse ao Kuomintang. Mao iria novamente defender uma terceira posição. Criticava, em sua linguagem, os sectários que eram contra a aliança, mas se opunha também aos oportunistas que achavam que os comunistas deviam obedecer em tudo à frente única. Em contraposição, definiu uma política flexível de aliança com luta. E propôs a Chiang Kaichek suspender a guerra civil e formar uma frente nacional antijaponesa.

Chiang recusou, a princípio. Porém, sob pressão de seus generais, terminou cedendo. O Kuomintang estabeleceu a capital em Chungking e para aí os comunistas enviaram uma delegação chefiada por Chu Enlai.

Mas os atritos e incidentes continuaram. Os comunistas acusavam o Kuomintang de resistência passiva ao Japão e luta ativa contra o Partido Comunista. Chiang acusava os comunistas de se aproveitarem da guerra contra o Japão para aumentar seu controle sobre o país.

O fato é que, ao começar a Guerra de Resistência contra o Japão, os

comunistas contavam apenas com uma base de apoio e um pequeno exército de 40 mil homens. Ao terminar, tinham criado 19 bases – no norte, centro e sul do país – e o Exército Vermelho já recrutara 400 mil homens.

Além disso, tinham ganho o apoio da população, pois em todas as regiões sob seu controle introduziam reformas e procuravam melhorar as condições de vida do povo.

No dia seguinte à capitulação japonesa em agosto de 1945, a guerra civil estava para começar. Os Estados Unidos e a União Soviética procuravam forçar um acordo entre nacionalistas e comunistas. Mas terminou em fracasso a conferência entre Mao Tsetung e Chiang Kaichek em outubro de 1945. Em março de 1946, o Kuomintang retorna triunfalmente a Nanquim, após a rendição das tropas japonesas. Em novembro do mesmo ano, recomeça a guerra civil.

A União Soviética presta assistência ao Exército Vermelho. Os Estados Unidos fornecem ajuda militar ao Exército Nacionalista, cujo chefe do estado-maior garante que os comunistas serão arrasados em seis meses. E tudo parece confirmar sua promessa. O Exército do Kuomintang recupera as cidades ocupadas pelos comunistas e, em fevereiro de 1947, invade Yenan, capital vermelha desde 1934. Para espanto geral, porém, os comunistas – que tinham perdido várias batalhas – não tinham perdido a guerra.

Em agosto de 1947, o Exército Vermelho reaparece comandado por Lin Piao e obtém sua primeira grande vitória, na Manchúria. No ano seguinte, retoma pouco a pouco o controle do norte do país, atravessa o Yang Tsekiang e se espalha pela China continental inteira. O Exército Nacionalista bate em retirada para Formosa. Aí, protegido pela esquadra americana, Chiang Kaichek continua até hoje a dirigir a República Chinesa, a única reconhecida pela maioria dos países e pela ONU.

Quem conhece a história das humilhações por que passou o povo chinês não tem dificuldade para compreender por que os comunistas conseguiram, com tanta facilidade, o apoio popular. É que todo chinês se sentia identificado no orgulho nacionalista e no ressentimento secular com que Mao Tsetung, ao fundar em Pequim a Terceira República Popular da China, proclamava:

- *A China não está mais à venda.*

A primeira luta contra a fome

Mao falara em construir rapidamente uma nova China. A tarefa não era fácil. Vinte e dois anos de guerra desorganizaram a economia chinesa e arrasaram o país. Diariamente, centenas de pessoas morriam de fome e frio nas principais cidades da China. Os pais vendiam suas filhas e Xangai, com suas prostitutas, era famosa no mundo inteiro.

Para curar tantos males, a China tinha apenas seus recursos naturais e sua população imensa. Mao diria anos mais tarde: "A massa é nosso sputnik". Os comunistas recorrem ao método que chamaram do osso e das formigas: "As formigas são pequenas, mas pouco a pouco destroem o osso que é grande e duro".

Para começar, promulga-se uma nova lei do casamento, cujo primeiro artigo diz: "O arbitrário e compulsório sistema feudal do casamento, que é baseado na superioridade do homem sobre a mulher

e que ignora o interesse dos filhos, fica abolido". A lei institui a monogamia, a livre escolha dos cônjuges, a igualdade de seus direitos, a proteção legal aos interesses da família.

A prostituição é combatida com vigor. Xangai é revolvida completamente. São criados centros de reeducação para as prostitutas, que são depois transferidas para outras regiões e integradas na vida normal.

Acabar com a miséria era mais difícil. Seria preciso elevar a produção agrícola e acelerar a industrialização do país. Os chineses se convencem de que não existe outro jeito senão uma guerra, também paciente e de longa duração, contra a pobreza.

De 1949 a 1952, não pensam em construir o socialismo; falam em restaurar a economia. Adotam uma reforma agrária moderada. Desapropriam os latifúndios, mas para redistribuir as terras aos camponeses. Não as coletivizam; estimulam apenas a formação de grupos camponeses de ajuda mútua. Estatizam as grandes empresas industriais e comerciais, mas têm o cuidado de indenizar os capitais estrangeiros e oferecem aos capitalistas nacionais a possibilidade de continuar como diretores de suas antigas fábricas, com participação anual de 5% nos lucros. Com uma política hábil e cautelosa, criam um Conselho Político Consultivo do Povo, onde estão representadas todas as religiões existentes no país. Procuram dar a seu comunismo uma base muito mais nacional do que de classe. Todos os chineses são convocados para formar uma ampla frente pela reconstrução da Grande China.

Essa política dá resultados. Vários capitalistas nacionais voltam do estrangeiro e assumem a direção de fábricas. Cientistas chineses retornam da França, da Alemanha, da União Soviética, dos Estados Unidos. Muitos deles participarão do projeto nuclear chinês. Há até conversões inesperadas. Como a do ex-Filho do Céu, Fu Yi, o último imperador manchu, que voltou do Japão e trabalha serenamente nos arquivos históricos de Pequim. Fala-se que os comunistas chineses não desistiram de conseguir uma conversão ainda mais espetacular: a do próprio Chiang Kaichek.

Em fins de 1952, os comunistas chineses consideram a situação já suficientemente normalizada para lançar seu Primeiro Plano Quinquenal (1953-1957). O plano segue, em linhas gerais, o modelo soviético: modernização e coletivização progressiva da agricultura, industrialização com prioridade para a indústria pesada, formação de cientistas e técnicos, ampliação das redes de transportes e comunicações.

A grande virada

O ano de 1958 seria decisivo para a política interna da China. O Primeiro Plano Quinquenal não deu os resultados esperados. A população continuava crescendo e a fome coletiva voltava a ser uma ameaça sombria. Internacionalmente, a China não conseguia furar o bloqueio diplomático, econômico e militar liderado pelos Estados Unidos. Mao se convence de que a China deve trilhar um caminho próprio – e agressivo. Começam as divergências com Kruschev. E, pela primeira vez depois da revolução, o Partido Comunista Chinês foi sacudido por uma luta interna feroz: a ala direita, liderada principalmente por economistas e militares profissionais, queria um plano moderado e defendia uma política de aproximação com a

União Soviética. A ala esquerda, chefiada por Mao, pretendia uma posição pelo menos de igualdade com os soviéticos na liderança do comunismo internacional e pregava uma linha de desenvolvimento rápido.

Lin Piao, afastado há muitos anos para recuperar a saúde abalada durante a guerra civil, voltava a fim de reorganizar o exército. Chu Enlai era nomeado primeiro-ministro. E, enquanto Chu Teh continuava como presidente do Congresso, Mao conservava a presidência do Partido, deixando a presidência da República para Liu Shaochi, que passou a dirigir violenta campanha contra os direitistas.

A esquerda saiu vencedora. No plano internacional, a China abandonava sua política de boa vizinhança com os governos da Ásia e da África e abraçava uma linha de estímulo à revolução mundial. Em célebre discurso pronunciado em Moscou, Mao expôs claramente seu ponto de vista: "Sou de opinião que a situação internacional atingiu um novo ponto crítico. No mundo há hoje dois ventos – o de Leste e o de Oeste. Penso que o que caracteriza a atual situação é o fato de o vento de Leste prevalecer sobre o de Oeste. É preciso aproveitar o vento favorável e atear pelo mundo afora as chamas da revolução. Pois, considerados a longo prazo, o imperialismo e todos os reacionários são tigres de papel."

No plano interno, falando perante o Comitê Central do Partido, Mao estabeleceu as grandes diretrizes: desenvolver simultaneamente a indústria (pesada e leve) e a agricultura, tomando a agricultura como base e a indústria como centro; desenvolver simultaneamente as empresas grandes, médias e pequenas; continuar a andar com as duas pernas, isto é, a empregar a técnica moderna, mas sem abandonar a técnica nativa e rudimentar do povo. E principalmente: contar fundamentalmente com as próprias forças, embora não recusando ajuda estrangeira.

É lançado o ambicioso Segundo Plano Quinquenal (1958-1962). O objetivo é fazer da China, em cinco anos, uma grande potência socialista. Chamam-no *O Grande Salto para a Frente*. Vêm a campanha do aço e o plano das comunas populares. Panfletos, cartazes, altofalantes, jornais, comícios e sobretudo a palavra de Mao atiçam uma China febril.

Moscou se assusta com o desafio chinês. O conflito sino-soviético se agrava. Em 1960, Kruschev suspende toda a ajuda econômica e retira mais de 200 mil técnicos russos da China. Ao mesmo tempo, grandes secas e enchentes arrastam o país a uma crise sem paralelo.

Mao joga todo o seu prestígio e férrea liderança pessoal para evitar a divisão interna e um desastre maior. Procura desesperadamente ensinar o povo a contar apenas com suas próprias forças, a responder ao isolamento com um orgulho agressivo. Todos são chamados a lutar, como repisa Mao, "contra o imperialismo americano e o revisionismo soviético". E a trabalhar sem desfalecimento.

E a China trabalha. Membros do governo, militantes do Partido, todos são deslocados para ajudar a construir represas, consertar pontes, abrir estradas. Um diplomata estrangeiro assiste, espantado, a um desses espetáculos de milhares e milhares de pessoas cavando com enxadas, transportando pedras nos ombros,

puxando carretas cheias de terra, e exclama: "Até onde chega o poder das mãos!"

Os estudantes vão para os campos, para as fábricas. O Exército Vermelho larga o fuzil, pega na picareta e no martelo e vai se juntar aos camponeses, operários, mineiros. Um mês por ano os oficiais deixam seus postos e vão servir como recrutas. A China trabalha.

Ainda assim, o Segundo Plano Quinquenal fracassa. A situação é tão crítica que para 1962-1966 não é aprovado outro plano quinquenal. E o Comitê Central fica todo esse período sem fazer uma única reunião plenária. Mas a duras penas a China comunista sobrevive. Em 1964 já aparecem os primeiros sinais de recuperação. A produção agrícola volta a crescer, a situação industrial se normaliza parcialmente. A técnica e a ciência chinesas começam a caminhar. A China explode sua primeira bomba atômica. E a ala esquerda do Partido retoma a ofensiva.

O sinal aberto é vermelho

O primeiro indício é a campanha de Lin Piao para saber se afinal é o Partido que controla os fuzis ou são os fuzis que mandam no Partido. Numa conferência militar realizada no início deste ano *[1966]*, Lin acaba ganhando o jogo mais uma vez. E a esquerda se volta para o Partido, pregando como nunca o estudo e a aplicação do "pensamento do presidente Mao, o maior marxista-leninista de nosso tempo". São impressos 35 milhões de exemplares de uma nova edição das Obras Escolhidas de Mao Tsetung. Os direitistas são novamente vencidos e afastados de seus cargos. Consuma-se a ruptura com a União Soviética, que é violentamente atacada como traidora da revolução e do marxismo-leninismo. Tudo culmina na chamada Grande Revolução Cultural Proletária, que ganha as ruas e as massas, e agita a China de fora a fora. A Guarda Vermelha, formada por jovens comunistas, faz sua aparição: muda os nomes das ruas, desacata diplomatas, invade igrejas, intimida e espanca os "burgueses" e "revisionistas", proíbe cortes de cabelos ocidentais e roupas apertadas, e até altera as convenções de trânsito: vermelho na China, agora, é sinal aberto. Quase não se reconhece a China prudente de outrora. Porém, Mao está feliz: tem, no fim da vida, a grande oportunidade para realizar seu velho sonho de fazer de todo chinês um trabalhador, um intelectual e um soldado, ao mesmo tempo.

O que se esconde por trás dessa revolução cultural? Antes de mais nada, o firme desejo de Mao de garantir a continuidade de sua política após sua morte e, portanto, de fazer seus sucessores. Depois, a China acaba de aprovar seu Terceiro Plano Quinquenal (1966-1970), cujos objetivos ainda não são conhecidos; mas a revolução cultural bem pode ser a grande mobilização psicológica para o que os chineses já estão anunciando como um Novo Salto para a Frente. E, por último, talvez o agravamento da guerra no Vietnã tenha decidido a liderança chinesa a lançar uma nova ofensiva internacional.

Então, estaria a China disposta a provocar uma nova guerra mundial? Não parece. A China gostaria de ter tempo para se fortalecer economicamente e sobretudo para desenvolver seu poder nuclear. Uma guerra agora seria desastrosa para planos futuros. Depois, os chineses sabem que sua força é principalmente defensiva. Se tiverem de enfrentar os

Estados Unidos, eles vão provocá-los até serem invadidos, para utilizar sua grande e mais temível arma: a guerra de guerrilhas. Lin Piao disse-o, num discurso do ano passado, com toda clareza: "Ao povo chinês não faltam meios para enfrentar a guerra de agressão do imperialismo norte-americano. Nossos métodos não constituem segredo. O mais importante continua sendo o que todos conhecem demais: mobilizar o povo, nos apoiarmos nele, fazer de cada cidadão um soldado e empreender uma guerra popular. Podemos dizer mais uma vez aos imperialistas norte-americanos: o grande oceano formado por centenas de milhões de chineses em armas será mais do que suficiente para submergir milhões de soldados agressores."

A bomba atômica espiritual

Os chineses sabem muito bem que não têm poder naval nem aéreo para enfrentar os Estados Unidos. Sabem que suas bombas atômicas, por enquanto, são inúteis sem os foguetes para transportá-las. Mas aparentemente não se perturbam. O mesmo Lin dizia no mesmo discurso: "Por mais desenvolvidos que sejam os armamentos e os equipamentos modernos e por mais complicados que sejam os métodos de combate nas guerras modernas, o resultado de uma guerra depende, no final das contas, dos combates contínuos das tropas terrestres, dos encontros a curta distância nos campos de batalha, da consciência política, valentia e espírito de sacrifício do homem. A bomba atômica espiritual dos povos revolucionários é muito mais potente e útil que a bomba atômica material." Essa bomba atômica espiritual, na opinião de Lin, é o pensamento político e militar de Mao Tsetung.

Porém, mesmo que os chineses não queiram uma guerra com os americanos agora, tudo pode acontecer no Vietnã. E se irromper um conflito entre os Estados Unidos e a China? Qual será a posição da União Soviética? Provavelmente, mesmo com todas as divergências e até contra a vontade, ficará do lado dos chineses, pois tem que preservar seu prestígio político e sua segurança militar. Mas, embora remota, há outra hipótese: um acordo entre russos e americanos, que os próprios chineses já denunciaram.

O fato é que esses 770 milhões de pessoas, que representam um quarto da população mundial, estão com pressa. E, de repente, descobre-se que o futuro do mundo está ligado ao futuro da China.

---

* *[Fonte: **Realidade**, São Paulo, outubro de 1966, pp. 55-66]*

DUARTE PACHECO PEREIRA é jornalista e autor, entre outros trabalhos, do livro *Perfil da classe operária* (São Paulo, Hucitec, 1981)